



Guia para a
construção
de espaços
culturais
inclusivos





Este projeto foi financiado com fundos da Comissão Europeia. Esta publicação reflete os pontos de vista do autor, e a Comissão não se responsabiliza pelo uso que possa ser feito da informação aqui contida.

CRÉDITOS

Coordenação do Guia: Susana Rojas-Pernia, Ignacio Haya-Salmón, Josep M^a Sanahuja-Gavaldà e Mar Morón-Velasco.

Autores: **INARTdis UC** (Susana Rojas-Pernia, Ignacio Haya-Salmón, Adelina Calvo-Salvador, Susana Lázaro-Visa, Andrés Fernández-Fuertes, Teresa Susinos-Rada, Elena Riaño-Galán, Iria Angulo-Pérez e Alicia Vinatea-Elorrieta); **INARTdis UAB** (Josep M^a Sanahuja-Gavaldà, Mar Morón-Velasco, Antonio Pérez-Romero, Ester Miquel-Bertrán, María del Mar Badia-Martín, Ester Benages-Campins, David Gutiérrez-Colominas, Francesc Xavier Ribes-Guardia e Simón Macías-Pedrero); **INARTdis PHSt** (Monika Gigerl, Elisabeth Herunter, Karin Gollowitsch e Caroline Pilling); **INARTdis IPL** (Isabel de Lacerda Pizarro Madureira, Maria Clarisse Alexandrino Nunes, Bianor Antónia da Cruz Valente, Kátia Couto de Sá Sabino dos Santos, Maria Natália dos Santos Vieira, Mário José Oliveira Relvas de Assunção e Tiago Alexandre Fernandes Almeida); **INARTdis EfAS** (Rozita Petrinska Labudovikj, Miroslav Labudovikj e Dimitar Labudovikj); **INARTdis NBW** (Susanne Bachmann, Antonia Venter, Amanda Robledo, Addas Ahmad, Nico Altmann, Rudina Bejtuli, Atalay Dogan, Ingo Joers, Lukasz Loska, Vincent Martinez, Stephan Sauerbier, Sammy Serag, Ismail Arslantürk e Moritz Welz).

Design: Andrea Oniboni e Diego Gutiérrez.

Colaboração: Equipa de co-investigadores da UC (Lucía Álvarez-Santamaría, Álex Bermejo, Santiago Lastra, Elena Mijares, Ernesto Soberón e Mónica Valverde).

Tradução (Português): Maria Clarisse Alexandrino Nunes, Bianor Antónia da Cruz Valente, Kátia Couto de Sá Sabino dos Santos, Mário José Oliveira Relvas de Assunção e Tiago Alexandre Fernandes Almeida.

Este guia foi impresso em 2022, em Inglês e Espanhol, como parte da difusão do Projeto Europeu *Fostering social inclusion for all through artistic education: developing support for students with disabilities*.
Referência do Projeto: 621441-EPP-1-2020-1-ES-EPPKA3-IPI-SOC-IN.

Também disponível em formato PDF na página web <https://inartdis.eu/>

ISBN: 978-989-8912-19-0



A finalidade do desenvolvimento global, tal como a finalidade de uma boa política interna nacional, é permitir às pessoas viverem vidas plenas e criativas, desenvolvendo o seu potencial e criando uma existência significativa, de acordo com a dignidade humana comum a todos.

(Martha C. Nussbaum, 2011, p.185)

ÍNDICE

0. Prefácio	5
1. Introdução	8
2. Como está organizado o guia? Sobre que elementos nos convida a refletir?	10
Revisão em torno das dimensões, secções e indicadores	11
Uma abordagem aberta e flexível	13
O valor das palavras: sintonizando significados	16
Mapa de conceitos	17
Abordagem Baseada em Direitos	18
Atitude Questionadora	20
Confrontar a Exclusão	22
Barreiras e Níveis para a Inclusão	24
Participação	27
Justiça Social	30
3. Dimensões, secções, indicadores e perguntas	32
D1. Comunidade em Construção	
Secção A. Valores e Direitos	33
Secção B. Comunicação e Sensibilização	34
Perguntas	35
D2. Gestão e Organização	
Secção A. Liderança e Programação de Atividades	38
Secção B. Sistemas de Revisão e Melhoria	39
Secção C. Gestão de Recursos Humanos	40
Perguntas	41
D3. A Experiência de viver o espaço cultural	
Secção A. Acessibilidade e Espaços	44
Secção B. Assistência e Participação	45
Perguntas	46
4. Outros recursos	55
5. Parceiros associados	56

O PREFÁCIO

Sabemos que as experiências que vivemos nos ajudam a alcançar não só um melhor conhecimento do mundo, mas também de nós mesmos e de quem podemos vir a ser na relação com as pessoas com quem interagimos e coexistimos. Também sabemos que existem condicionamentos sociais, económicos e políticos que dificultam ou limitam as experiências a que temos acesso, com consequências a nível individual e social. Neste sentido, embora seja possível falar, em termos gerais, de uma maior democratização da cultura – instituições culturais que estão mais abertas aos contextos sociais, diversidade de canais na disseminação do património cultural ou a criação de redes de colaboração entre os diferentes tipos de instituições –, não podemos ignorar o facto de este ser um processo longo, sujeito a mudanças sociais, económicas e políticas globais.

Este *Guia para a Construção de Espaços Culturais Inclusivos*, emerge de um **desejo coletivo de contribuir para o reconhecimento do valor que as experiências culturais têm na vida de qualquer indivíduo**. Foca-se em instituições culturais e artísticas com um duplo propósito. Por um lado, reconhecer o esforço e trabalho levados a cabo por algumas destas instituições, em décadas recentes, para aproximar o património cultural das pessoas ou grupos em situação de maior vulnerabilidade social. Por outro lado, está concebido para acompanhar as instituições no processo de tomada de decisão no qual estarão envolvidas aquando da implementação de iniciativas para a melhoria institucional inclusiva.

Este material está em linha com a nova

definição de museus aprovada em agosto último, na 26ª Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus (ICOM) 2022, que atribui e reconhece estes espaços – e que alargamos a outras instituições culturais – como contextos fundamentais no desenvolvimento de uma sociedade mais justa¹. **A definição dos museus como espaços inclusivos reforça o papel que as instituições culturais têm no reconhecimento da diversidade humana, na construção de ambientes mais sustentáveis e na luta contra a exclusão social.**

A ferramenta ou recurso aqui apresentado tem uma história e um contexto. Tal como outros trabalhos similares, tem sido enriquecida pela nossa investigação prévia e pela contribuição de outros autores. O trabalho de Aisncow e Booth (2015) na área da educação merece uma menção especial, tendo sido claramente inspirador para a construção deste material.

Esta ferramenta é o resultado de um contexto e quadro de reflexão proporcionados pelo projeto europeu INARTdis², no qual temos vindo a trabalhar com diversas pessoas das áreas socio-educativas (escolas dos ensinos básico e secundário), centros de educação especial e ocupacional) e culturais (museus, salas de exposições, teatros e auditórios). **Isto permitiu-nos tecer uma rede de alianças através de diferentes ações** lideradas por quatro universidades (Instituto Politécnico de Lisboa, University College of Teacher Education Styria, Universidade da Cantábria e Universidade Autónoma de Barcelona), uma instituição artística (Thikwa) e uma Associação para a Promoção da Educação, Cultura e Desporto “Education for All” (EfAS),

em diferentes países (Portugal, Áustria, Espanha, Alemanha e Macedónia do Norte). Assim, **este material está especialmente enriquecido por aquilo que nos foi dito pelas pessoas que nos acompanharam nesta viagem por diferentes centros culturais e artísticos.**

Por fim, como verão mais tarde, o *Guia para a Construção de Espaços Culturais Inclusivos* abre caminho para a identificação de novas questões que irão, inevitavelmente, surgir à medida que os espaços culturais se vão tornando mais inclusivos e sustentáveis.

Josep M^a Sanahuja-Gavaldà (UAB)
e Susana Rojas-Pernia (UC)



Imagem 1. Dunya Hirschter, *sem título*, (s.d.)



*Ser humano é ser um artista!
Arte e Estética são instrumentos de libertação.*

(Augusto Boal, 2016, p.21)

1 INTRODUÇÃO



A criação de espaços culturais e artísticos inclusivos requer uma revisão da forma como estes são concebidos, desenhados e organizados **com o objetivo de dar as boas-vindas** a toda a gente e **garantir o acesso e participação igualitários** aos serviços, atividades e conteúdos que oferecem. Desta maneira, museus, centros culturais e artísticos ou espaços de exposições contribuem para a promoção do direito a aceder e participar na vida cultural e artística, tal como expresso em várias convenções internacionais, incluindo a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Sem dúvida que isto envolve um grande esforço, em primeiro lugar, para os centros artísticos e culturais, uma vez que têm o papel principal enquanto agentes dinamizadores num ecossistema cultural mais vasto. Além disso, têm de adotar **abordagens flexíveis e criativas** para responder a uma ampla gama de interesses e exigências sociais, servindo um público potencial cada vez mais diverso, com experiências de vida ricas e variadas, onde a cultura e a arte são elementos chave no exercício de uma cidadania plena. Esta tarefa pode ser levada a cabo **em colaboração com** outras entidades e agentes sociais que alimentem, contribuam e incorporem diferentes pontos de vista no processo de revisão constante que implica avançar em termos de inclusão social, artística e cultural.

Este **guia para a revisão de espaços culturais e artísticos** tem por base uma abordagem inclusiva. Está construído para ser usado, em cada contexto particular, de modo a pensar em como garantir que todos têm as **oportunidades e recursos**

necessários ao seu alcance para aceder e participar na vida de museus e espaços culturais. Pretende, ainda, dar apoio na identificação de elementos específicos que impedem ou obstruem o aproveitamento de experiências culturais e artísticas por parte de determinados indivíduos e grupos. Especificamente, visa identificar barreiras que impedem que o direito ao acesso e à participação cultural sejam satisfeitos em condições de igualdade e que, conseqüentemente, se continuem a perpetuar determinados processos de exclusão em ambientes culturais.

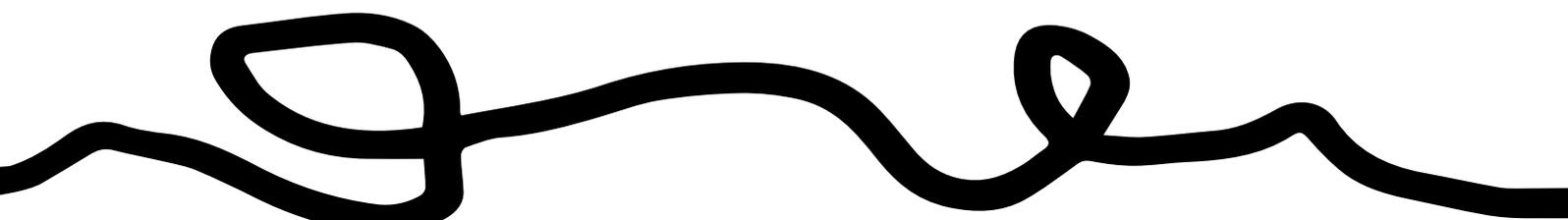
O objetivo principal deste material é fornecer uma série de indicadores, sob a forma de perguntas, para que os centros/espaços artísticos e culturais possam iniciar processos de reflexão profunda sobre os valores que promovem, a forma como a sua organização é gerida e as experiências que proporcionam às pessoas que os visitam. Em suma, este guia foi pensado como um apoio para levar a cabo processos de reestruturação global com vista a melhorar **instituições através do encorajamento à adoção de valores inclusivos**. Deste modo, ao invés de oferecer um conjunto de diretrizes universais para “construir um centro cultural ou artístico inclusivo”, este guia foca-se na tarefa de revisão de elementos que podem e devem ser repensados, assumindo que **este processo será conduzido por um grupo de trabalho** que atribui sentido e contextualiza a análise a ser levada a cabo. O fim último deste guia é ser uma **ferramenta para o desenvolvimento dos próprios centros/ espaços culturais e artísticos**, no que diz respeito à revisão do seu trabalho diário, com vista a uma sociedade mais inclusiva.

2

**COMO ESTÁ
ORGANIZADO
O ÍNDICE?**

**SOBRE QUE
ELEMENTOS
NOS CONVIDA
A REFLETIR?**





UMA REVISÃO DAS DIMENSÕES, SECÇÕES E INDICADORES

Com o objetivo de implementar processos sistematizados de revisão e reflexão, este material oferece uma vasta gama de perguntas que giram em torno de três dimensões que nos ajudam a perceber a organização, os valores e as atividades que configuram as instituições culturais e artísticas.

Concretamente, referimo-nos a **três dimensões estreitamente interligadas** que podem ser analisadas separadamente, embora isto possa parecer, a priori, algo artificial. Assim, de modo a compreender melhor que elementos estão a dificultar o acesso e a participação universais, o que está a facilitar ou promover os mesmos, e que mudanças podem ser relevantes, iremos focar-nos em:



Valores, sistema de crenças e compromisso das instituições para a melhoria e transformação inclusiva. Agrupámos estes elementos na dimensão denominada **COMUNIDADE EM CONSTRUÇÃO**.



Os critérios, regras e procedimentos que regem a organização, o funcionamento e as tomadas de decisão mais relevantes que afetam a **GESTÃO E ORGANIZAÇÃO** do centro/espço cultural.



A tipologia e qualidade das **EXPERIÊNCIAS** fornecidas às pessoas que se dirigem ao centro/espço cultural, o visitam, participam nas suas atividades ou requerem os seus serviços.

Cada uma destas **dimensões** (figura 1) é composta por diferentes **secções** (áreas mais específicas) que, para além de fornecerem pistas sobre que elementos estão em jogo em cada uma delas, mostram uma série de **indicadores** que irão guiar os processos de reflexão. Finalmente, de modo a levar a cabo esta tarefa de reflexão guiada, foi formulada **uma série de perguntas** (associadas a cada indicador) que podem ser usadas como estímulos durante as conversações e discussões que têm lugar nos grupos de trabalho responsáveis por esta tarefa.

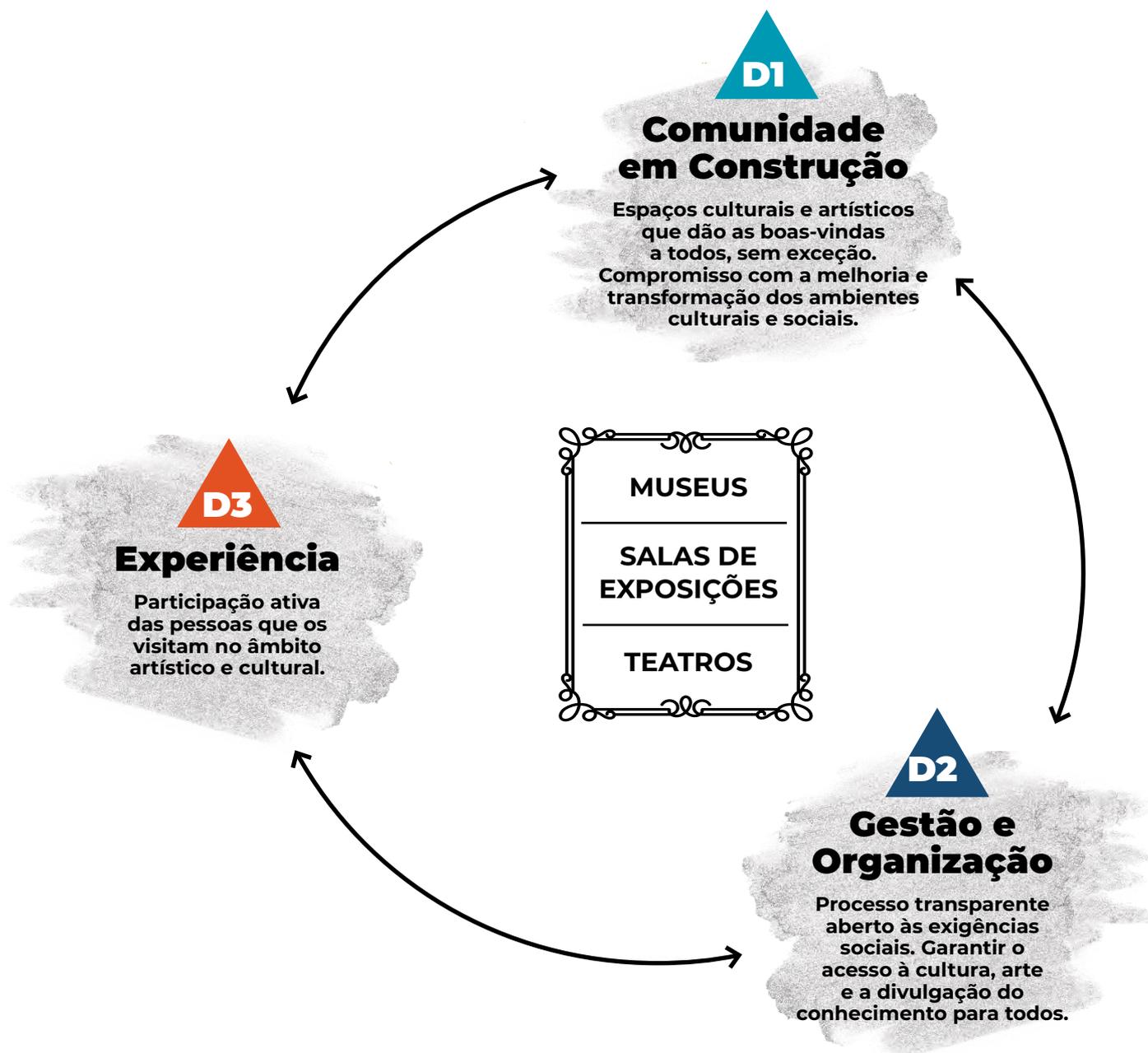


Figura 1. Dimensões do centro/espço cultural sobre as quais refletir.

UMA PROPOSTA DE TRABALHO ABERTA E FLEXÍVEL

A tarefa de revisão da forma como uma determinada organização cultural e/ou artística lida com o desafio de avançar em direção à inclusão envolve a **criação de um grupo de trabalho** (tão heterogéneo quanto possível) no qual diferentes agentes e membros da instituição estejam representados. Da mesma forma, tal como mencionado previamente, incorporar outros perfis (por exemplo, representantes de entidades locais, cidadãos, profissionais externos, etc.) no grupo enriquece o processo.

Uma vez que estes **processos de revisão** merecem uma abordagem sistemática e bem organizada, cabe a cada organização decidir tanto a ordem pela qual reveem a forma global na qual procuram garantir o direito ao acesso e participação na vida cultural, como o grau de profundidade com que desejam analisar cada uma destas três dimensões propostas. Assim, este guia não tem como objetivo fornecer instruções precisas sobre qual o itinerário mais

apropriado. O que pretende destacar é que a interação entre as três dimensões resulta, inevitavelmente, num processo de reflexão e revisão que levanta assuntos relacionados com a cultura, sistema de valores, critérios de gestão e organização, bem como o tipo de práticas a ser desenvolvidas.

Com base nesta filosofia, apresentamos uma proposta que ilustra o uso deste material com a intenção de facilitar a sua aplicação e consulta:

Cada uma destas três dimensões está ligada a uma série de indicadores e perguntas que nos ajudam a pensar sobre essa dimensão. Por exemplo, imagine-se que nos vamos focar na dimensão “Comunidade em Construção” (figura 2). Precisamos saber que esta dimensão é constituída por duas **secções**: a) Valores e Direitos e b) Comunicação e Sensibilização.



Figura 2. Dimensão 1: Comunidade em Construção, descrição e secções que a compõem.

Em cada uma destas secções há uma série de indicadores (figura 3) que pode ser usada para avaliar/refletir sobre como estes elementos podem ser abordados no centro cultural e artístico. Estes **indicadores** permitem desenvolver uma visão que é, ainda, impressionista ou global, sobre o elemento em análise, neste caso, os valores promovidos pela instituição e a promoção do direito ao acesso e participação cultural de qualquer pessoa relacionada com ela.

COMUNIDADE EM CONSTRUÇÃO
INDICADORES | Secção A | Valores e Direitos

1	Os valores inclusivos são promovidos: reconhecimento e valorização positiva da diversidade humana, compromisso com a justiça social e oposição a qualquer forma de exclusão, entre outros.	1 2 3 4 5
2	É promovido o respeito pelos direitos fundamentais de todas as pessoas – profissionais e visitantes – que mantêm uma relação com o centro/espço cultural.	1 2 3 4 5
3	O direito de todas as pessoas ao acesso e participação na vida cultural é um elemento fundamental na vida do centro/espço cultural.	1 2 3 4 5
4	A promoção de atitudes e comportamentos que reflitam o respeito pelas diferenças humanas, tolerância e bem-estar de todos os que trabalham ou visitam o centro/espço cultural é uma das suas principais marcas de identidade.	1 2 3 4 5
5	Garantir o acesso, usufruto e o direito à experiência cultural e artística está entre as metas e objetivos do centro/espço cultural.	1 2 3 4 5
6	O compromisso com a redução de obstáculos e barreiras que dificultam o acesso e a participação cultural dos cidadãos são parte da missão e finalidade do centro/espço cultural.	1 2 3 4 5

Figura 3. Indicadores e escala de avaliação na Secção Valores e Direitos.

Adicionalmente, para cada um destes indicadores, teremos a possibilidade de avaliar (numa escala de 1-5) o grau de satisfação/realização/compromisso que o grupo de trabalho reconhece em cada um. Até este ponto, o grupo que trabalhe com este guia irá, provavelmente, ter tido a oportunidade para discutir, rever e problematizar muitos assuntos que são transversais à dimensão “Comunidade em Construção”.

A exploração de cada uma das secções e indicadores também terá servido para identificar alguns elementos que atuam como barreiras ou alavancas para a inclusão. No entanto, com o objetivo de melhorar os processos de revisão em curso, este guia é acompanhado por um extenso **conjunto de perguntas** (figura 4) que visam facilitar uma revisão mais matizada e precisa, para apoiar a reflexão.

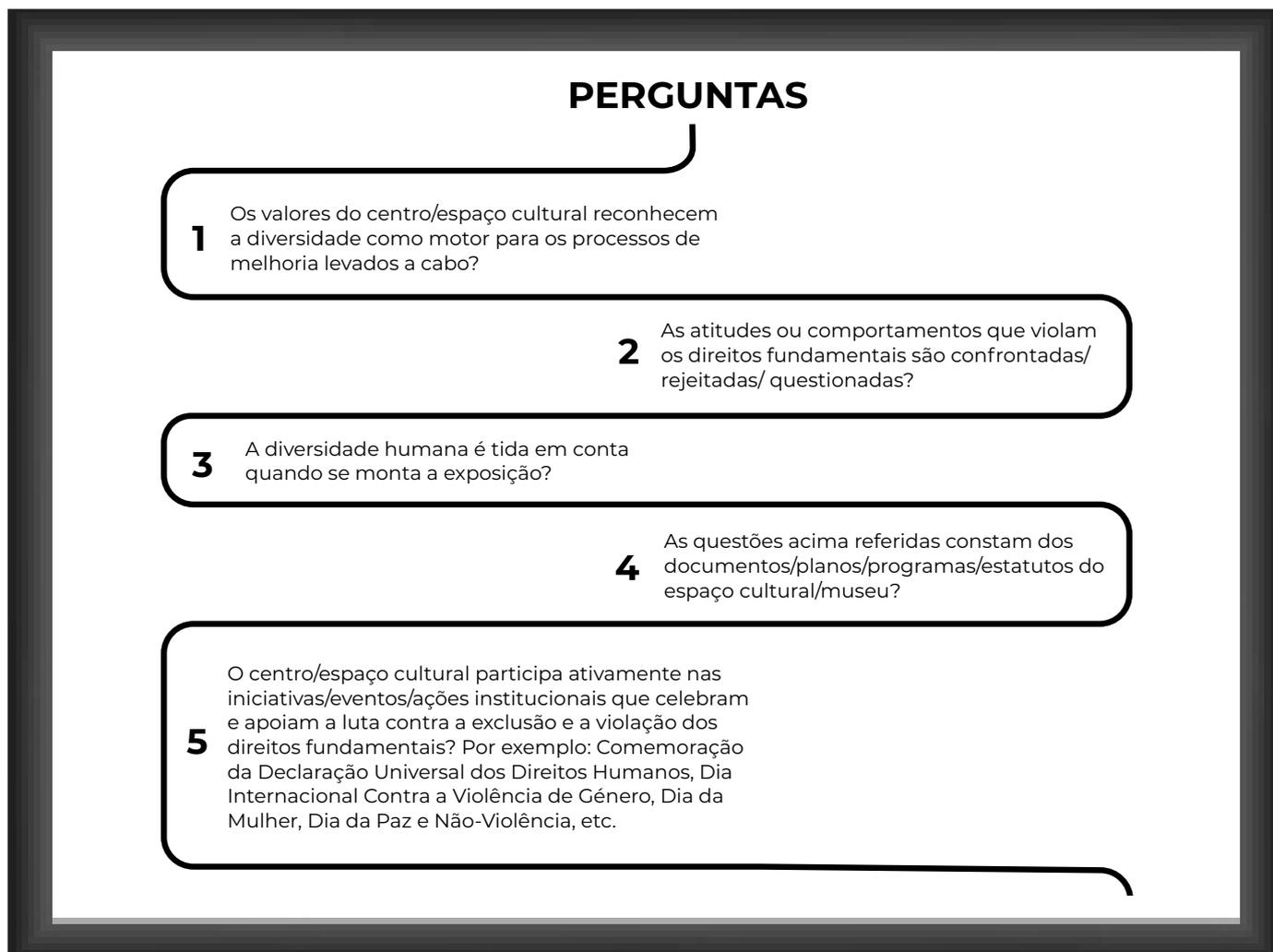


Figura 4. Perguntas para a Dimensao 1: Comunidade em Construcao.

A discussao mediada por estas perguntas pretende atingir um duplo objetivo. Por um lado, podem ser usadas para introduzir uma determinada ordem na discussao e analise. Por outro lado, abordam assuntos que nos fornecem pistas para **imaginar processos de melhoria** para aspetos-chave relacionados com a vida cultural e artistica de cada centro/espaco cultural.

O VALOR DAS PALAVRAS: SINTONIZANDO SIGNIFICADOS

Na nossa opinião, a implementação de processos de revisão, tais como aquele que propusemos com o apoio deste material, devem tornar-se, acima de tudo, uma oportunidade para a criação de tempos e espaços nos quais possamos discutir e trocar diferentes pontos de vista sobre a organização e o funcionamento de um centro/espço cultural com uma visão inclusiva. De modo a atingir este propósito, é essencial que o centro/espço cultural ou as pessoas que constituem o grupo de trabalho sejam capazes de **concordar em alguns assuntos** (conceitos, ideias e princípios básicos) centrais para a análise e compreensão dos processos de inclusão e exclusão num contexto amplo.

Para permitir que os membros do grupo de trabalho explorem a noção de inclusão em si, o significado do direito universal a aceder à cultura ou a ideia de participação, entre outros, apresentamos um **mapa de conceitos** que consideramos ser decisivos aquando da revisão de cada uma das três dimensões mencionadas acima. Não se tratam de definições “fechadas”, mas sim aproximações a conceitos que são peças-chave no complexo e inacabado puzzle da inclusão e exclusão sociais. Enquanto aproximações, os conceitos referem-se a um significado mínimo que pode ser revisto, reconstruído e ampliado durante o processo de trabalho.



Imagem 4. Bansky, *sem título*, (s.d.)

**Atitude
Questionadora**

**Abordagem
Baseada em
Direitos**

**Confrontar
a Exclusão**

**MAPA DE
CONCEITOS**

**Justiça
Social**

**Barreiras e
Níveis para a
Inclusão**

Participação

Abordagem Baseada em Direitos

A Abordagem Baseada em Direitos reconhece que todas as pessoas devem ser tidas em consideração como potenciais agentes que observam, criam, desfrutam e tomam decisões em ambientes artísticos e nos seus espaços. O direito a aceder à cultura e à arte – assim como à criação, usufruto e participação na arte e na cultura – é inseparável de todos os outros direitos. Todos os direitos são para todas as pessoas, sem distinção.



Foto 1. Escola do Ensino Básico Rel e Museu Nacional d'Art de Catalunya (Barcelona, Espanha).

Penso que uma das principais prioridades da Fundação, aparte, logicamente, da disseminação do património que irá conter, é chegar a todos. Falamos sobre comunidade e, quando falamos sobre uma comunidade de pessoas, referimo-nos a toda e qualquer pessoa que nos venha visitar.

(Naves de Gamazo, Cantábria, Espanha).

Para mim, a inclusão é um mundo ideal, é um mundo onde todos temos um lugar, onde todos podemos ocupar esse mesmo lugar com os mesmos direitos, isso é a inclusão.

(Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal).



Foto 2. Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa, Portugal).



Foto 3: Mulheres na ciência. Pósteres no Museo de la Naturaleza (Cantábria, Espanha).

Muitas vezes os espaços culturais parecem estar separados da sociedade e algumas pessoas sentem-se distantes da sociedade... O facto de serem convidadas a participar (nos espaços culturais) não é para que se sintam importantes, mas para as fazer sentir como mais uma pessoa apenas, e isso implica o seu enriquecimento enquanto pessoa, o seu crescimento pessoal ou melhoria das aptidões sociais (...)
Tenho a certeza que o encontro das pessoas com a arte é um transformador social.

(Naves de Gamazo, Cantábria, Espanha).



Foto 4: Museu de Arte Contemporânea e Escola do Ensino Básico com Centro de Recursos Idnina (Skopje, Macedónia do Norte).

Atitude Questionadora

Os espaços artísticos, como parte da sociedade, estão sujeitos a dinâmicas de desigualdade e de exclusão. Enquanto espaços vivos e democráticos, devem comprometer-se com a inclusão e devem equipar-se com ferramentas que lhes permitam desenvolver uma atitude questionadora, compreender-se a si próprios como espaços que observam, aprendem e questionam o seu papel como potenciais alavancas ou barreiras à participação socio-cultural.



Foto 5: Questionando sobre a fotografia de Alberto García-Alix. *El brazo de Ana*, 1992. Coleção permanente da Fundação ENAIRE (Fotografia de: Susana Rojas, no Naves de Gamazo e artistas do Atelier Sierrallana, Cantábria, Espanha).

Além das ações que levámos a cabo com os artistas do Atelier durante a visita, e que estavam planeadas, mais tarde, muitas outras surgiram por parte dos profissionais com quem eles vieram e eu aprendi imenso. (...) [Para terminar] tirámos fotos [do trabalho que eles mais gostaram], e, então, continuei a fazer o mesmo.

(Naves de Gamazo, Cantábria, Espanha).



Foto 6: Atelier Sierrallana e Naves de Gamazo (Cantábria, Espanha).



Foto 7: Artistas Thikwa investigando na livraria que construíram em colaboração com KUKO (Kollektiv für Kulturökologie). Coletivo para uma cultura verde no bairro Campus Dammweg (Berlim, Alemanha).

Este é um museu muito aberto... muito amigável (...) adaptamo-nos muito às exigências feitas pelo público. O público, no geral, por vezes até escolas, "olhem, ouçam, nós estamos a trabalhar sobre género, podem fazer uma visita orientada...?" Nós somos um museu à la carte, adaptamo-nos muito e também somos bastante flexíveis.

(Museu Can Framis. Fundació Vila Casas, Barcelona, Espanha).

Somos cada vez mais sensíveis à visão do público... isto é, quando a exposição abre, às pessoas que vão entrar pela porta... do ponto de vista da diversidade... do ponto de vista da diversidade funcional.

(Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal).

[Uma sala no museu também oferece aos visitantes, entre outras coisas, uma corda para se balançarem ou almofadas para relaxar no chão] Esta sala está coberta com um tapete e é muito divertida, podes deslizar através dele. Há muitas atrações e podem fazer-se muitas coisas aqui.

Escola do Ensino Secundário de PHSt e Kunsthaus Graz, Universalmuseum Joanneum, Áustria).

Confrontar a Exclusão

Confrontar a exclusão de pessoas e de grupos vulneráveis nos ambientes artísticos significa reconhecer que os espaços, conteúdos e dinâmicas de participação nestes locais foram concebidos a pensar num determinado tipo de audiência (com determinadas experiências e visões do mundo e dos seres humanos, competências, capacidades e habilidades). Por outras palavras, envolve a compreensão de que estes espaços foram concebidos a partir de um ponto de vista parcial, favorecendo grupos e pessoas mais adaptados socialmente, do ponto de vista material, cultural e simbólico. Todos estes aspetos mencionados previamente podem ser considerados como um impulso para a sua transformação e diminuição das dinâmicas de exclusão.

Alguns projetos foram um enorme desafio do ponto de vista da acessibilidade... torna-se necessário repensar a estrutura [...] há grupos com necessidades específicas muito diferentes. [...] o que obriga a uma mudança que não pode ser apenas caso a caso.

(Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal).

Foto 8. O artista Thikwa Addas Ahmad apresentando o seu trabalho na instalação de arte desenhada para a Haus Bastian – Centro de Educação Cultural para o evento “Grupo de Trabalho: Arte e Inclusão” do programa “As exceções são a regra aqui! Educação inclusiva nos museus”. Artistas Thikwa, Werkstatt für Theater und Kunst (Berlim, Alemanha).



**OUTSIDER
ARTIST
SHOULD
NOT BE
LEFT
OUTSIDE**

Odeio ler e não consigo ler letra pequena. Ouvir seria ótimo, assim eu entendo. Seria bom para aqueles que não conseguem ou não querem ler.

(Escola do Ensino Secundário de PHSt, Áustria).



Foto 9. Escola do Ensino Secundário de PHSt em Kunsthaus, Universalmuseum Joanneum (Graz, Áustria).



Foto 10: Instituto da Imaculada para pessoas com Necessidades Especiais na Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa, Portugal).



Fotos 11 e 12: Escola do Ensino Básico Mar e Museu Nacional d'Art de Catalunya (Barcelona, Espanha).



Foto 13: Museu del Disseny e Escola Xiprers (Barcelona, Espanha).

Barreiras e Níveis para a Inclusão

Em espaços culturais e artísticos podemos identificar elementos que facilitam ou dificultam o acesso e participação de todas as pessoas nas experiências, propostas ou atividades que dinamizam e oferecem. Utilizamos o termo “barreiras” para nos referir a esses elementos (nos espaços físicos e materiais, bem como nos simbólicos) que representam um obstáculo que torna difícil a qualquer pessoa disfrutar da cultura e da arte em pé de igualdade com a restante população. Pelo contrário, as “alavancas” ou ajudas para a inclusão referem elementos que promovem e facilitam uma experiência cultural e artística rica e transformadora para todos os indivíduos.



Foto 14. Grupo privado na New Galerie (Universalmuseum Joanneum, Graz, Áustria).



Foto 15. Museu de la Naturaleza e Escola do ensino básico Manuel Llano (Cantábria, Espanha).

É claro que a diversidade é tida em conta [na organização das exposições]; primeiro são enviados convites a várias instituições e pessoas. Depois, tratamos da abertura, do estacionamento e da acessibilidade da entrada, do espaço, do horário, etc.

(Museu de Arte Contemporânea, Skopje, Macedonia del Norte).

Também podiam ter alguém para explicar em Língua Gestual e alfabeto Braille para que pudéssemos saber quem fez [refere-se à autoria das obras] (...) Eu penso que a primeira coisa a fazer seria isso, pois também temos um colega de outra turma que é surdo.

(Escola do Ensino Básico Manuel Llano, Cantábria, Espanha).



Fotos 16 e 17. Neues Museum e Thikwa, Werkstatt für Theater und Kunst (Berlim, Alemanha).



Gostei do facto de o educador não ter estado a falar o tempo todo, ter-nos feito perguntas e termos podido participar.

(Escola do Ensino Secundário Costa i Llobera, Barcelona, Espanha).

Foto 19: Centro Cultural Trajko Prokopiev, Kumanovo e Poraka Nasha (Kumanovo, Macedónia do Norte).



Podemos fazer adaptações se formos informados, antecipadamente, sobre quaisquer necessidades especiais, mas também podemos fazer essas alterações na hora, sem reservas prévias.

(Centro Cultural Trajko Prokopiev, Kumanovo, Macedónia do Norte).



Foto 20: Evangelische Schule Berlin Mitte (Berlim, Alemanha).

Participação

Os centros culturais e artísticos que promovem a participação dos cidadãos – das pessoas que os abordam e também dos que encontram maiores dificuldades em fazê-lo – são espaços abertos, permeáveis às exigências e interesses sociais. A gestão e o funcionamento dos espaços culturais e artísticos articula as formas de incorporar diferentes grupos sociais na tomada de decisão em assuntos que os afetam. Na experiência de habitar o espaço cultural, os visitantes reconhecem-se como sujeitos com direitos, preocupações e realidades vitais de grande riqueza, diversidade e complexidade. Promover a participação implica uma revisão constante da forma como os espaços culturais e artísticos, para além de garantirem o acesso à cultura, se certificam que qualquer pessoa pode disfrutar e nutrir-se das propostas artísticas, conteúdos e atividades que oferecem.

*Tivemos a oportunidade de fazer perguntas ao nosso guia!!!
Também sabemos que podemos tocar em tudo aqui.*

(Escola do Ensino Secundário de PHSt, Áustria).



Foto 21. Escola do Ensino Secundário de PHSt em Kunsthaus Graz, Universalmuseum Joanneum (Áustria).



Foto 22. Escola do Ensino Secundário Vallbona d'Anoia e Museu d'Art Contemporani de Barcelona (Espanha).



Fotos 23 e 24: Escola do Ensino Básico de PHSt em New Galerie, Universalmuseum Joanneum (Graz, Áustria).



Foto 25: Auditori & Escola do Ensino Básico Pit-Roig (Barcelona, Espanha).

Também incluir estas pessoas nas produções, elas próprias [...] Penso que tens um sentimento de pertença, o sentimento de apreciação, que tens um papel.

(Glocalmusic, Portugal).



Foto 26: Escola do Ensino Básico Sonnen (Berlim, Alemanha).

O que eu gostei mais na experiência no MACBA ontem foi o facto de os estudantes terem sido o foco principal da visita, na oficina. Eles sentiram-se como uma parte bastante ativa da visita, porque prestaram muita atenção às obras de arte e descreveram-nas aos outros estudantes (...) a experiência foi muito mais intensa para eles.

(Escola do Ensino Secundário Vallbona e Museu d'Art Contemporani de Barcelona, Espanha).



Também fazemos muito trabalho aqui. No outro dia, reuni-me com um casal da associação de amigos de pessoas cegas que fizeram propostas para melhorar a acessibilidade nas plataformas digitais na internet. E ainda temos um longo caminho a percorrer...

(Teatro Nacional da Catalunha, Barcelona, Espanha).

Foto 27. Fundació ASPASIM e Museu Can Framis. Fundació Vila Casas (Barcelona, Espanha).



Foto 28. Tallers Bellvitge e Museu Nacional d'Art de Catalunya (Barcelona, Espanha).



Foto 29. Mercat de les Flors. Casa de la dansa e Companhia de Dança Integrada Liant la Troca (Barcelona, Espanha).

Justiça Social

A justiça social aborda a desigualdade através de propostas para que todos os indivíduos e grupos possam aceder a espaços culturais e artísticos (Redistribuição) e se possam sentir representados na visão do mundo e da sociedade refletida nos trabalhos artísticos, sendo, assim, parte da humanidade comum que a arte expressa (Representação). Da mesma forma, devem ter a possibilidade de ter acesso a locais onde as decisões sobre a conceção e gestão da arte são tomadas (Reconhecimento). A justiça social promove a criação de condições nas instituições de arte que tornem possível a toda a gente adquirir determinadas capacidades, competências e habilidades, usando-as com sucesso em ambientes socialmente reconhecidos.

[Sobre o catálogo da exposição] Expliquem de outra forma, de modo a que as pessoas entendam. Por exemplo, o que significa “ontológico”? Ou o que significa “metas”?

(Grupo de co-investigadores da UC, Cantábria, Espanha).



Foto 30: Grupo de co-investigadores da UC partilhando os pontos fortes e oportunidades para a melhoria do centro cultural que visitaram. Há uma necessidade urgente de reconhecer e ouvir os contributos das pessoas com deficiência. (Cantábria, Espanha).



Foto 31. A equipa INARTdis, juntamente com profissionais das áreas da educação e da cultura, participaram numa das sessões de formação levadas a cabo por arquitetos de ROSA no Young Art Neukölln em Dammweg (Berlim, Alemanha).



Foto 32: Fundação Calouste Gulbenkian e Quinta Essência (Lisboa, Portugal).

Tudo o que produzimos deve chegar ao maior número de pessoas possível... devemos garantir que a política de acessibilidade se cumpre. Para além do que a lei estabelece.

(Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal).



Foto 33: Mercat de les Flors. Casa de la dansa (Barcelona, Espanha).

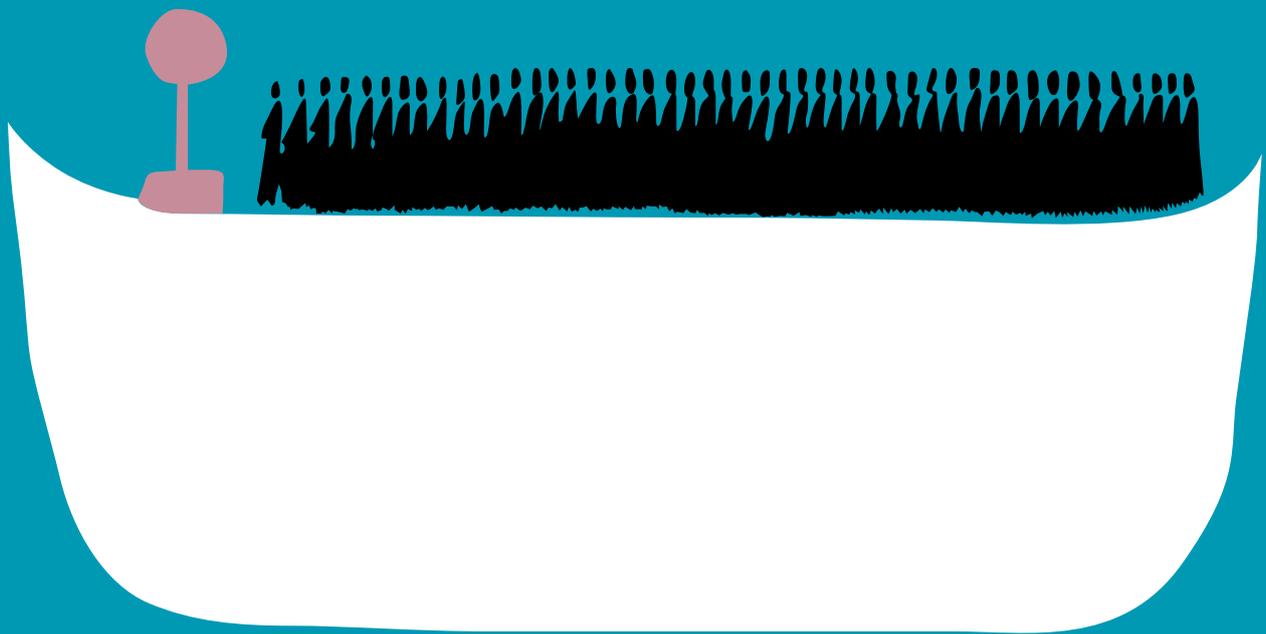


Imagem 5. Ilustração inspirada na obra de Carlo Zinelli.

3 DIMENSÕES, SECÇÕES, INDICADORES e PERGUNTAS RELACIONADAS



COMUNIDADE EM CONSTRUÇÃO

INDICADORES | Secção A | Valores e Direitos

1

Os valores inclusivos são promovidos: reconhecimento e valorização positiva da diversidade humana, compromisso com a justiça social e oposição a qualquer forma de exclusão, entre outros.

1 2 3 4 5

2

É promovido o respeito pelos direitos fundamentais de todas as pessoas – profissionais e visitantes – que mantêm uma relação com o centro/espço cultural.

1 2 3 4 5

3

O direito de todas as pessoas ao acesso e à participação na vida cultural é um elemento fundamental na vida do centro/espço cultural.

1 2 3 4 5

4

A promoção de atitudes e comportamentos que reflitam o respeito pelas diferenças humanas, tolerância e bem-estar de todos os que trabalham ou visitam o centro/espço cultural é uma das suas principais marcas de identidade.

1 2 3 4 5

5

Garantir o acesso, usufruto e o direito à experiência cultural e artística está entre as metas e objetivos do centro/espço cultural.

1 2 3 4 5

6

O compromisso com a redução de obstáculos e barreiras que dificultam o acesso e a participação cultural dos cidadãos são parte da missão e finalidades do centro/espço cultural.

1 2 3 4 5



COMUNIDADE EM CONSTRUÇÃO

INDICADORES. Secção B | Comunicação e Sensibilização

1 O centro /espaço cultural reconhece o seu papel exemplar na promoção do acesso e do usufruto dos espaços artísticos e culturais para todos os cidadãos.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

2 A missão, valores e ideologia do centro/espaço cultural são públicos e acessíveis a qualquer cidadão interessado nas atividades aí desenvolvidas. O centro/espaço cultural dá as boas-vindas a todos os visitantes e agradece a sua presença.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

3 Campanhas de difusão e comunicação sobre as atividades e oferta cultural disponíveis no centro/espaço cultural.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

4 Ações de informação e difusão têm em conta os grupos sociais e culturalmente desfavorecidos. Estas ações refletem um compromisso com aqueles que têm menos oportunidades de acesso e participação em ambientes culturais e artísticos.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

5 Ações de sensibilização que contribuem para o desenvolvimento de atitudes e ações que respeitam os direitos fundamentais, especialmente o direito de acesso e participação cultural para todas as pessoas, são desenvolvidas entre os profissionais do centro/espaço cultural.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

6 Os meios, plataformas e recursos para publicitar a atividade do centro/espaço cultural têm em conta o acesso universal à informação oferecida.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

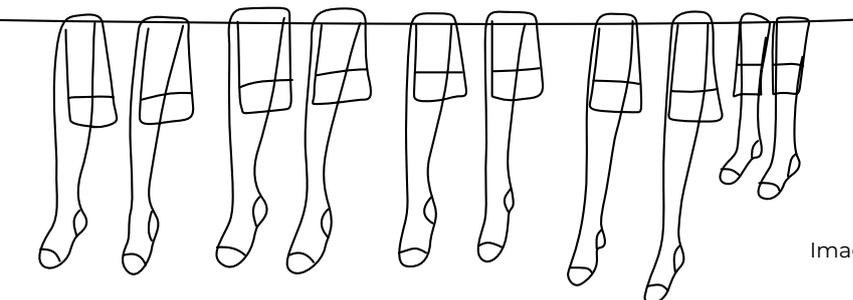


Imagem 6: Ilustração inspirada pela obra de Pearl Blauvelt.



PERGUNTAS

1

Os valores do centro/espço cultural reconhecem a diversidade como motor para a melhoria dos processos levados a cabo?

2

As atitudes ou comportamentos que infringem os direitos fundamentais são confrontadas / rejeitadas / questionadas?

3

A diversidade humana é tida em conta quando se monta a exposição?

4

As questões referidas acima constam dos documentos/ planos/programas/estatutos do espço cultural/museu?

5

O centro/espço cultural participa ativamente nas iniciativas/ eventos/ações institucionais que celebram e apoiam a luta contra a exclusão e a violação dos direitos fundamentais? Por exemplo: Comemoração da Declaração Universal dos Direitos Humanos, Dia Internacional Contra a Violência de Género, Dia da Mulher, Dia da Paz e Não-Violência, etc.

6

São partilhados comunicados institucionais nos quais os centros culturais partilham a sua identidade, valores, ideologia, etc. (na página web, nos meios de comunicação, eventos públicos, etc.)?

7

Emitem-se comunicados de rejeição ou condenação de situações socialmente injustas/de violação dos direitos?

8

Emitem-se comunicados a favor/em defesa dos direitos fundamentais?

9

O museu/centro/espço cultural é um espço aberto à participação de todas as pessoas, independentemente das suas capacidades, que interage e dá resposta aos interesses dos diversos grupos sociais?

10

As campanhas de informação/divulgação ou atividades desenvolvidas pelo centro cultural visam alcançar uma vasta diversidade de grupos/indivíduos?

11

A importância de alcançar grupos/indivíduos com menos oportunidades para aceder e participar na vida cultural é integrada no planeamento?

12

Os materiais e os meios utilizados para divulgar/atrair cidadãos para o espaço cultural garantem o acesso universal à informação apresentada?

13

São utilizados diversos meios (impressos, digitais, informação de leitura fácil, desenho universal, Braille, etc.) para permitir o acesso à informação?

14

A equipa de gestão do centro/espaço cultural está preocupada com a promoção e reforço de atitudes e ações que reflitam o respeito pelas diferenças, tolerância e bem-estar entre os membros da sua equipa profissional?

15

A equipa de profissionais do centro/espaço cultural está preocupada com a promoção de atitudes e ações que reflitam o respeito pelas diferenças, tolerância e bem-estar entre as pessoas que utilizam as suas instalações ou participam nas atividades programadas?

16

Existe algum tipo de material (sinais/cartazes/projeção de vídeo, etc.) que destaque a importância de ter em atenção as relações e a coexistência no espaço cultural, algo particularmente relevante durante as atividades em curso?

17

Existe alguma intervenção em situações onde atitudes e comportamentos que desrespeitam os direitos são identificados? O mesmo se aplica a atitudes de intolerância ou outros comportamentos que ponham em causa o bem-estar quer de trabalhadores, quer de visitantes do espaço cultural.



Imagem 7: Mary T. Smith, *I WE OUR*, (c. 1980s). Pintura caseira e esmalte sobre madeira, 24 x 36".

GESTÃO E ORGANIZAÇÃO

INDICADORES | Secção A | Liderança e Programação de Atividades

- 1** A gestão e organização do centro/espço cultural são concebidas como um processo aberto e transparente, tendo em conta as exigências sociais e culturais apresentadas pela cidadania como um todo.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

- 2** As diretrizes e ações estratégicas do centro/espço cultural focam-se no desenvolvimento de espaços culturais que promovam a inclusão, contribuindo, assim, para garantir o acesso e a participação cultural a todas as pessoas.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

- 3** São criados espaços para análise, discussão e negociações, onde diversos grupos sociais podem participar como agentes reconhecidos com capacidade para definir objetivos, administrar recursos e apresentar propostas artísticas e culturais. São promovidos meios horizontais de ação cultural.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

- 4** Os responsáveis pela gestão do centro/espço cultural promovem a participação dos seus profissionais nas tomadas de decisões em diferentes áreas da gestão e funcionamento do centro/espço cultural.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

- 5** A programação de eventos e atividades culturais desenvolvidas no centro/espço cultural reconhece e valoriza a diversidade artística e cultural.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

- 6** A aquisição de obras/coleções e o programa de atividades e exposições reconhece e valoriza a pluralidade de movimentos artísticos, disciplinas, artistas e temáticas.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

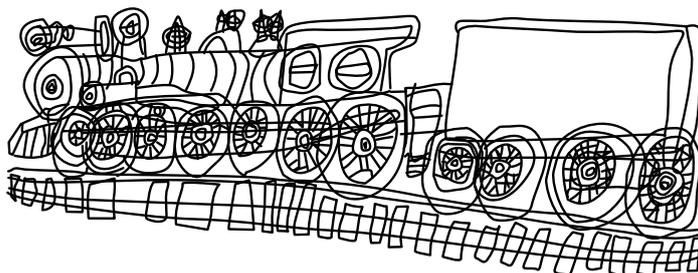


Imagem 8: Ilustração inspirada pela obra de Dwight Mackintosh.



GESTÃO E ORGANIZAÇÃO

INDICADORES | Secção B | Sistemas de Revisão e Melhoria

1 O centro/espço cultural tem espaços, tempos e mecanismos para reflexão sobre as atividades desenvolvidas, o seu alcance e o grau de satisfação dos objetivos que persegue. A participação de diferentes agentes e interlocutores (e.g. profissionais, visitantes, artistas, gestores, etc.) é encorajada.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

2 Os sistemas de revisão e análise da organização, bem como o funcionamento do centro/espço cultural, focam-se em atingir melhorias com base numa abordagem inclusiva. Visam identificar e remover barreiras ao acesso e participação cultural.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

3 São estabelecidos procedimentos e indicadores que facilitem a auto-avaliação da gestão e operação do centro ligadas à democratização e participação cultural de todas as pessoas. Por exemplo, aqueles ligados ao cumprimento de normativas, padrões e políticas de acessibilidade universal.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

4 As descobertas e aprendizagens feitas a partir dos processos de revisão e auto-avaliação são avaliadas de modo a introduzir possíveis alterações, com base numa abordagem aberta que encorage a inovação e melhorias inclusivas.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

5 Os canais e ferramentas para recolher as opiniões e experiências dos visitantes devem incluir diversas formas de comunicação, linguagens e expressão. Estas devem ser publicitadas e de fácil acesso.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

6 Nos processos de revisão e auto-avaliação é viável estabelecer relações de consulta, aconselhamento, apoio e colaboração com agentes externos e entidades que garantam o acesso e participação a todas as pessoas.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

GESTÃO E ORGANIZAÇÃO

INDICADORES | Secção C | Gestão de Recursos Humanos

1

As políticas de recrutamento e seleção devem promover o desenvolvimento de uma força de trabalho e equipas diversificadas. Consequentemente, opõem-se estritamente a qualquer forma de discriminação baseada nas circunstâncias pessoais e sociais dos candidatos e empregados.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

2

O centro/espço cultural tem um plano de acolhimento com vista a facilitar a integração de novos profissionais nas equipas de trabalho já existentes.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

3

O centro dispõe dos mecanismos e procedimentos necessários para detetar e intervir em caso de quaisquer necessidades de formação e possíveis pontos fracos que os profissionais no ativo possam apresentar.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

4

A formação contínua incorpora conteúdos relacionados com a inclusão, o acesso e a participação cultural de todas as pessoas, abordando questões como: acessibilidade universal, direitos fundamentais e criação de ambientes culturais inclusivos.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

5

A colaboração, o respeito pelas diferenças e o apoio entre os profissionais do centro/espço cultural deve ser encorajado. São facilitadas relações colaborativas com agentes/profissionais externos cujas ações possam melhorar o desempenho dos trabalhadores com maiores necessidades de apoio.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

6

Todos os profissionais do centro/espço cultural estão cientes da sua ideologia em relação à inclusão e à participação da comunidade. Os responsáveis pela gestão dos recursos humanos devem insistir no desenvolvimento de atitudes e comportamentos respeitadores da diversidade humana e adotar as medidas necessárias para o seu cumprimento.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

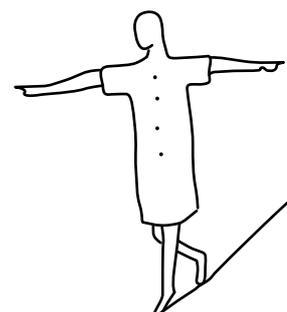


Imagem 9: Ilustração inspirada pela obra de José Leonilson.

PERGUNTAS

1

A gestão do centro/espço cultural destina parte do orçamento a programas e recursos para o tornar mais acessível?

2

O centro/espço cultural dispõe de um responsável pela acessibilidade/inclusão que promova atividades focadas em facilitar a participação de grupos culturalmente desfavorecidos?

3

O centro/espço cultural dispõe de um responsável pela acessibilidade/inclusão que facilite a coordenação entre todos os envolvidos no centro cultural?

4

O centro/espço cultural dispõe de um membro da equipa responsável por monitorizar as ações que são implementadas para melhorar o acesso e a participação de pessoas com incapacidades?

5

Existe um departamento educativo/pedagógico que participe nas tomadas de decisões relativas à organização do espço cultural?

6

A gestão do centro/espço cultural permite que sejam implementadas mudanças ou melhorias em qualquer altura?

7

A gestão do centro/espço cultural é concebida como um processo aberto e transparente? É levada a cabo através de uma abordagem aberta e flexível?

8

A gestão do centro/espço cultural incorpora mecanismos para que estes assuntos sejam discutidos / negociados/ acordados por diferentes agentes?

9

São organizadas comissões de trabalho para a gestão delegada dos diferentes departamentos que apoiam a gestão do centro/espço cultural?

10

São realizadas chamadas/propostas para a participação dos cidadãos de modo a garantir diferentes pontos de vista sobre a gestão/organização do centro/espço cultural?

11 Existem iniciativas/mecanismos para uma gestão participativa?

12 São desenvolvidos grupos de trabalho com associações ou organizações ligadas a pessoas com Perturbação do Desenvolvimento Intelectual?

13 São desenvolvidos grupos de trabalho com associações ou organizações ligadas a outros grupos sociais em situação de vulnerabilidade/risco de exclusão?

14 São desenvolvidas colaborações/grupos de trabalho com outros profissionais de diferentes áreas de modo a adotar abordagens mais criativas e flexíveis?

15 Promove-se a troca de experiências com outros centros artísticos e culturais?

16 O trabalho em rede entre diferentes entidades/espços culturais é encorajado?

17 As criações e propostas de artistas emergentes são valorizadas/adquiridas/programadas?

18 Passa-se o mesmo em relação a artistas pertencentes a grupos minoritários ou silenciados?

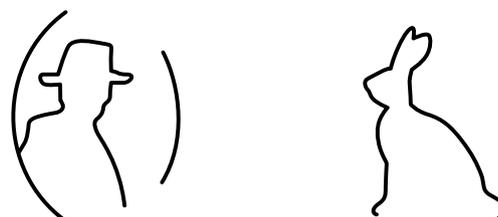
19 As obras/exposições/propostas culturais comprometidas com a arte/cultura como meio para a transformação social fazem parte do programa?

20 O programa de atividades do centro/espço cultural inclui atividades/oficinas/encontros que abordem assuntos socialmente relevantes?

21 O compromisso com a criação de ambientes de trabalho diversificados faz parte da política de recrutamento e seleção do centro/espço cultural?

22 Encoraja-se ou incentiva-se, de alguma forma, a contratação de pessoas com deficiência?

23 Permite-se a entrada, por períodos de tempo específicos, de profissionais externos para apoiar as pessoas que se juntam ao centro/espço cultural?



24 As relações de consulta/apoio/colaboração são promovidas ativamente com agentes/entidades/profissionais que apoiem aqueles que possam necessitar de um período de formação mais personalizado?

25 Existe um plano de formação para os profissionais do centro/espço cultural?

26 É encorajada a formação dentro do local de trabalho, no horário de trabalho?

27 De que forma os tópicos/conteúdos estão incluídos no plano selecionado?

28 Os membros da equipa do centro/espço cultural podem sugerir propostas de formação?

29 Em que medida se propõem atividades de formação permanente relativas à participação dos cidadãos acessibilidade/desenho dos espaços e atividades para todos/acesso universal à cultura e à arte?

30 Existem oportunidades de formação em assuntos relativos a inclusão social e cultural?

31 São organizadas atividades (e.g. seminários, reuniões de coordenação) onde os profissionais possam discutir/ analisar a situação do centro/espço cultural em termos de acessibilidade/criação de espaços inclusivos?

32 Existem canais/meios através dos quais os cidadãos que visitam o centro/espço cultural possam partilhar a sua experiência relativamente à acessibilidade/usufruto/participação? Por exemplo, caixa de correio eletrónico, caixa de sugestões visível, grupos de trabalho abertos a todos os cidadãos, encontros/trocas entre gestores culturais e vários grupos sociais, etc.

33 A opinião dos utilizadores sobre ações com vista à eliminação de barreiras é tida em conta? Os potenciais utilizadores são consultados sobre como pensam que determinado dispositivo poderia funcionar ou o que deveria ser tido em conta antes de o instalar no centro/espço cultural?

34 Está a ser considerada a colaboração de alguma associação ou entidade representativa?



A EXPERIÊNCIA DE VIVER O ESPAÇO CULTURAL

INDICADORES | Secção A | Acessibilidade e Espaços

1

A informação sobre como chegar ao centro/espço cultural e aceder ao edifício (desde o exterior à entrada principal para os visitantes) deve ser de acesso fácil para qualquer pessoa que possa ter interesse em visitar o centro/espço cultural.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

2

Todos os elementos que facilitem o acesso às instalações devem respeitar os princípios de desenho universal e garantir a autonomia completa a todos os visitantes durante o seu uso.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

3

O conceito e desenho dos espaços deve ser baseado nos princípios de Igualdade de Uso, Flexibilidade, Utilização Simples e Funcional, Informação Inteligível, Tolerância ao Erro e Pouco Esforço Físico, entre outros.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

4

Investimento na aquisição, investigação, desenvolvimento e inovação em tecnologias que facilitem o acesso aos diferentes espaços e conteúdos culturais para todas as pessoas.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

5

Procedimentos e mecanismos para ativar, rápida e eficazmente, ações específicas e excecionais de modo a minimizar a não-acessibilidade, em relação a aspetos ou áreas do espaço cultural não contempladas no modelo inclusivo.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

6

São preparados e mantidos atualizados os protocolos de inspeção para as instalações, incorporando os princípios de acessibilidade universal, o direito à participação cultural e o bem-estar de qualquer visitante do centro/espço cultural.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

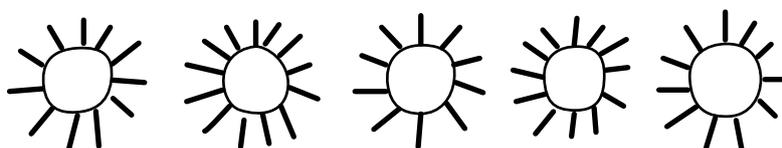


Imagem 11: Ilustração inspirada na obra de Heinrich Reisenbauer.



A EXPERIÊNCIA DE VIVER O ESPAÇO CULTURAL

INDICADORES | Secção B | Assistência e Participação

1 Os meios necessários (página web, material e recursos digitais/impressos) são fornecidos de modo a permitir a todos os membros do público planearem e prepararem a sua visita ao centro/espço cultural. Da mesma forma, os canais de comunicação e contacto são disponibilizados, de modo a que qualquer grupo ou indivíduo possa pedir informação e comunicar as suas necessidades específicas com antecedência.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

2 Existem meios de comunicação, recursos ou materiais (visitas virtuais, catálogos da coleção, atividades em *streaming*, etc.) destinadas às pessoas que não podem visitar o centro/espço cultural e aceder às suas atividades devido a incapacidades temporárias ou permanentes.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

3 O centro/espço cultural dispõe de procedimentos e mecanismos para recolher informação, antecipadamente, junto dos grupos que organizam as visitas, de modo a serem tomadas medidas apropriadas para garantir a melhor experiência possível e o bem-estar de todos os visitantes.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

4 O centro/espço cultural oferece vários tipos de visitas: autónoma/livre, guiada, mista, oficinas. São disponibilizados meios multissensoriais de exploração e outros recursos, e os profissionais do centro/espço cultural encontram-se disponíveis para responder a perguntas ou pedidos de qualquer visitante.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

5 As regras, indicações e sinais relativos ao cuidado a ter com as coleções e obras, coexistência no espço cultural e a segurança dos visitantes são inteligíveis e estão acessíveis a todos. O mesmo se aplica ao plano de evacuação em caso de emergência.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

6 No final da visita, os visitantes têm a possibilidade de aceder a informação e recursos que lhes permitam alargar ou aprofundar o seu conhecimento das obras, criações artísticas ou coleções que visitaram, de forma autónoma ou através de um processo guiado (e.g. materiais, oficinas, fóruns, etc.).

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

7 No final da visita ao centro/espço cultural, os visitantes têm a oportunidade de avaliar a sua experiência e identificar elementos que tenham atuado como barreiras ou apoio durante a visita.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

PERGUNTAS

1

Existem medidas/recursos que permitam àqueles que não podem visitar o centro/espço cultural, de forma temporária ou permanente, aceder às exposições culturais e artísticas e atividades incluídas na programação do centro?

2

Existe a possibilidade de uma visita virtual ao centro/espço cultural/exposições/representações? É possível consultar/adquirir catálogos, uma visita virtual narrada, etc.?

3

A página *web* está acessível e sempre atualizada?

4

A página *web* inclui uma secção específica de "acessibilidade"?

5

Esta informação é divulgada nas redes sociais e canais especializados?

6

Utilizam-se pictogramas para visualização rápida?

7

Existem aplicações acessíveis?

8

Existe um procedimento/mecanismo/documento para solicitar informação a grupos de visitantes acompanhados após terem reservado bilhetes/atividades/oficinas para o centro/espço cultural?

9

É solicitada informação sobre apoios que possam ser necessários a algumas pessoas dos grupos visitantes?

10

É tido cuidado com a linguagem e formas de se referir a pessoas que possam necessitar de apoio durante a visita?

11 O tom das perguntas e conteúdo das mesmas dá indicações de que o centro/espço cultural acolhe todo o tipo de público?

12 Existe algum espaço/mecanismo facilmente identificável para qualquer visitante (sem necessidade de fazer parte de um grupo organizado) para fornecer informação ou apoio às suas necessidades antes da visita?

13 De que forma o centro/espço cultural responde a necessidades não previstas de um visitante que o centro/espço cultural possa receber?

14 Está disponível informação fácil de entender e acessível sobre localização, formas de chegar ao centro/espço cultural, acessibilidade, estacionamento, transportes públicos, etc.? Existe uma secção visível sobre estes aspetos na página web do centro/espço cultural? O centro/espço cultural está identificado de forma clara em mapas e serviços de GPS/ localização? Existem sinais/cartazes nas imediações do centro/espço cultural?

15 O exterior do edifício encontra-se sinalizado de forma clara?

16 Existem lugares de estacionamento reservados a pessoas com mobilidade reduzida?

17 Existe acesso adequado a qualquer pessoa/grupo a partir do parque de estacionamento/via pública?

18 A entrada principal do edifício está sinalizada de forma clara? A entrada é a mesma para todas as pessoas que acedam ao edifício/espço cultural?

19 Existe um espaço/átrio de entrada onde os visitantes possam pedir/obter informações sobre o centro/espço cultural e as suas atividades antes de adquirir bilhetes? Existem profissionais nesse espaço?



Imagem 12: Ilustração inspirada na obra de Boris López.

20 Existe alguma tecnologia de suporte que permita obter informação geral, de forma independente/interativa, por potenciais visitantes? Esta informação está prontamente disponível?

21 São tidos em conta todos os aspetos da acessibilidade desde o início até ao final da visita?

22 É possível, a qualquer pessoa, mover-se através do centro cultural pelos seus próprios meios ou com auxílio de meios técnicos? Todos os visitantes podem aceder a todas as salas ou espaços do centro/espaço cultural?

23 Todos os lugares onde se assistem a representações ou conferências podem ser utilizados por todos os visitantes?

24 Os lugares para pessoas com mobilidade reduzida estão indicados de forma clara? O mesmo se aplica a lugares para pessoas surdas?

25 Foram instalados aparelhos auditivos/outras produtos de apoio nos espaços onde têm lugar performances de teatro, conferências, reuniões, etc.?

26 Qualquer pessoa consegue utilizar o plano do centro/espaço cultural? Existem outros sistemas/materiais que facilitem a localização e visitas independentes? Existem modelos tácteis, audioguias, planos em Braille, planos ampliados ou planos em contraste?

27 Existem cartazes informativos sobre os formatos de acessibilidade utilizados pelo centro/espaço cultural?

28 São propostos diferentes itinerários para facilitar visitas independentes e satisfatórias ao espaço cultural para todas as pessoas? Por exemplo, existe a possibilidade de escolha entre diferentes tipos de visita: guiada/livre/ com suportes tecnológicos que façam a ponte entre visitantes-exposições?

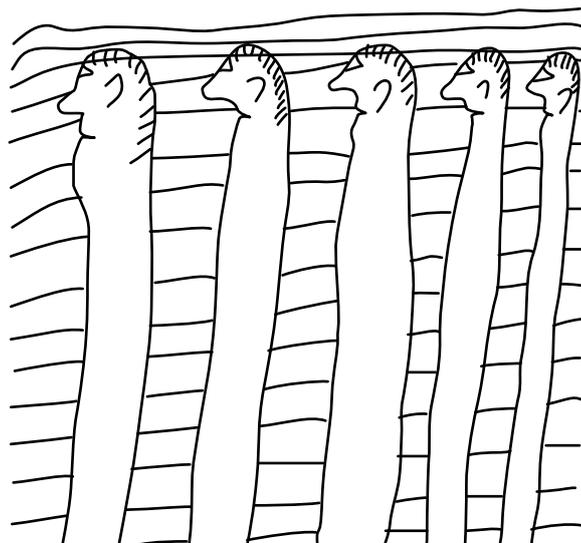


Imagem 13: Ilustração inspirada pela obra de Oswald Tschirtner.

29 Os serviços oferecidos pelo centro/espço cultural (sanitrios, caf, loja...) podem ser utilizados por todos em igualdade de condies?

30 Existem espaos/reas de descanso para os visitantes no museu?

31 So providenciados produtos de apoio ou mobilirio (e.g. cadeiras, poltronas, andrilhos) para permitirem aos visitantes reduzir o esforo fsico enquanto desfrutam da sua visita e das atividades programadas?

32 As atividades/propostas ativas/interativas so pensadas de forma a serem desenvolvidas em espaos com medidas e meios adequados ao acesso, a manipulao e a participao de todas as pessoas?

33 Existe um departamento educativo/pedaggico que planeje atividades destinadas aos visitantes, de modo a que tenham a oportunidade de alargar, aprofundar ou experimentar/criar sobre alguma das colees/exposies/representaes a que tenham tido acesso?

34 Os profissionais incorporam e especificam valores/prncpios inclusivos nas propostas didticas/experimentais que desenham? Por exemplo, elementos que facilitam a acessibilidade, diversos apoios e materiais, reflexo sobre os contedos, abordagem de tpicos socialmente relevantes...

35 O curador da exposio d prioridade s mensagens mais relevantes que pretende transmitir?

36 Os curadores das exposies temporrias so informados sobre as polticas de acessibilidade/ideolgicas e os valores inclusivos promovidos pelo centro/espço cultural?

37 Os contedos/peas/obras apresentados no centro/espço cultural esto acessveis a todos?

38 Os textos na exposição são claros e simples?

39 A exposição reconhece os contributos que mulheres, pessoas com deficiência ou minorias étnicas e culturais tiveram/estão a ter para a cultura?

40 A exposição tem um audioguia?

41 O audioguia dispõe de informação em Língua Gestual, tem legendas e incorpora descrições áudio, de modo a que os visitantes possam escolher o que mais se adequa às suas necessidades?

42 É possível tocar em algumas das peças mais importantes da exposição?

43 A exposição tem diagramas em relevo de obras planas, amostras de materiais utilizados em algumas das obras ou algumas das ferramentas usadas para acompanhar as explicações?

44 A audiodescrição indica onde está localizada a obra no contexto da exposição?

45 Há sinais que integrem tinta e braille?

46 Os panfletos gratuitos para o público estão disponíveis em formatos alternativos?

47 O centro/espço cultural coordena-se com os profissionais que acompanham um grupo numa visita?

48 A letra na sinalética e nos cartazes tem um bom tamanho?

49 Há um bom contraste entre o texto e o fundo nos diferentes materiais disponibilizados? (cartazes, sinais, catálogos, panfletos, página da web...)

50 Existe texto sobre as imagens impressas ou nos painéis de vidro transparente?

51 O texto escrito no cartaz está perto do objeto ou obra à qual se refere?

52 Há muito texto nos cartazes?

53 Existem diferentes versões dos catálogos da exposição?
Há catálogos com uma sintaxe simples, sem vocabulário técnico e/ou que inclua um glossário para os explicar?

54 A iluminação no hall da exposição produz reflexos, brilhos ou ofuscação?

55 Os objetos ou obras em exposição estão bem iluminados?

56 As visitas guiadas promovem a interação com os visitantes? Os visitantes são encorajados a fazer perguntas?

57 As visitas guiadas oferecem atividades com vista ao melhor entendimento da exposição ou ao aprofundamento de conteúdos importantes?

58 As visitas guiadas têm em conta que algumas pessoas necessitam de mais tempo para explorar os modelos ou objetos/réplicas?

59 As visitas guiadas oferecidas têm em conta toda a diversidade humana?

60 São oferecidas visitas acessíveis de acordo com o tipo de deficiência?

61 O centro/espço cultural disponibiliza informação acessível sobre as atividades que terão lugar?

62 O centro/espço cultural organiza atividades que o aproximem da comunidade? (oficinas, concertos, representações teatrais, debates...)

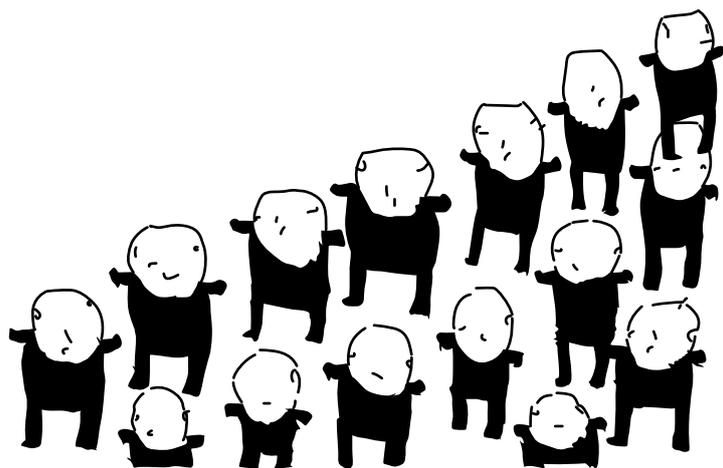


Imagem 14: Ilustração inspirada na obra de Donald Mitchell.

63

Para além do acesso, o centro/espço cultural promove a participação de todos os utilizadores/visitantes/cidadãos interessados nas atividades organizadas?

64

O centro/espço cultural organiza atividades (oficinas, concertos, representações teatrais, debates...) que incorporem propostas dos cidadãos?

65

As atividades propostas contribuem para sensibilizar sobre a importância de algumas práticas inclusivas?

66

São recolhidas as opiniões dos visitantes sobre as exposições?

67

O centro/espço cultural recolhe a opinião dos visitantes sobre as suas infraestruturas?



Imagem 15. Ilustração inspirada pela obra de Marguerite Burnat-Provins.

NOTAS

¹ Refere-se a “uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que investiga, coleciona, preserva, interpreta e expõe património material e imaterial. Os museus abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e sustentabilidade. Através da participação das comunidades, os museus operam e comunicam ética e profissionalmente, oferecendo variadas experiências que contribuem para a educação, divertimento, reflexão e troca de conhecimento” (ICOM, 2022).

² O Projeto Europeu *Fostering social inclusion for all through artistic education: developing support for students with disabilities* INARTdis tem como objetivo principal promover a inclusão social através de espaços para a criação artística e o acesso e a participação de pessoas com deficiência. Referência do Projeto: 621441-EPP-1-2020-1-ES-EPPKA3-IPI-SOC-IN.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1. Foto de Alvaro Acinas. Galería Alegría. <https://elhombrejazmin.com/2014/05/dunya-hirschter/> (Blogue sobre arte a partir do projeto de investigação Outsider Creative Processes desenvolvido por Graciela García).

Imagem 2. Foto de Susana Rojas. Exposição: Naves de Gamazo. Cantábria, Espanha.

Imagem 3. Ilustração cortesia de Carlos Cubeiro. Cubeiro, C. (2020). *Raras, radicales y rebeldes*. Modernito Books.

Imagem 4. BANSKY. (2006). *Banksy, Wall and Piece*. Londres: Random House.

Imagem 5. Ilustração criada para este guia.

Imagem 6. Foto cortesia de Shrine Gallery, NYC e Los Angeles, USA.

Imagem 7 - 15. Ilustrações criadas para este guia.

Imagem 16. Ilustração cortesia de Atelier Sierrallana. Cantábria, Espanha.

4 OUTROS RECURSOS

Boal, A. (2016). *La estética del oprimido. Reflexiones errantes sobre el pensamiento desde el punto de vista estético y no científico*. Interzona, Buenos Aires.

Booth, T. & Ainscow, M. (2015). *Guía para la educación inclusiva: desarrollando el aprendizaje y la participación en los centros escolares*. FUHEM, OEI.

Consejo Internacional de Museos (ICOM) (2022). <https://icom.museum/es/recursos/normas-y-directrices/definicion-del-museo/>

Font, M. & Andrade, N. (2020). *Hacia una cultura inclusiva. Museos para todas y todos*. K6 Gestión Cultural S.L. y Elkarto (Gipuzkoako Desgaitasun Fisikoa duten Pertsonen Federazio). <https://www.k6gestioncultural.com/portfolio-items/hacia-una-cultura-inclusiva/>

Galán-Pérez, A. (coord.) & López Gil, E. (dir.) (2017). *Accesibilidad y museos: divulgación y transferencia de experiencias, retos y oportunidades de futuro*. Asociación de Museólogos y Museógrafos de Andalucía (AMMA).

García Carrizosa, H., Díaz, J., Sisinni, F., Krall, R., Fay, A., Skrbic, S. & Fairbairn, S. (2019). *Hacia un museo participativo. Una guía de actividades inclusivas*. ARCHES. <https://www.euskadi.eus/gobierno-vasco/-/noticia/2020/11/05/hacia-un-museo-participativo-una-guia-de-actividades-inclusivas-/>

ICUb i IMPD, Ajuntament de Barcelona (ed.) (2016). *Exposicions accessibles. Criteris per eliminar les barreres de la comunicació i facilitar l'accés als continguts*. Institut de Cultura de Barcelona i Institut Municipal de Persones amb Discapacitat. Ajuntament de Barcelona. https://media-edg.barcelona.cat/wp-content/uploads/2016/10/Exposicions-accessibles_web-acc.pdf

Junta de Andalucía. Consejería de Turismo, Cultura y Deporte. Norma UNE 170001. <https://www.juntadeandalucia.es/organismos/turismoculturaydeporte/areas/turismo/calidad-turistica/paginas/norma-une-170001.html>

López Gil, E. (2021). *Accesibilidad en Museos Manual de Buenas Prácticas para Profesionales e Instituciones*. AMMA y Junta de Andalucía. <https://observatoriodelaaccessibilidad.es/wp-content/uploads/2021/06/Accessibilidad-en-Museos-Manual-de-Buenas-Practicas.pdf>

Nussbaum, M. (2011). *Creating capabilities: The Human Development Approach*. The Belknap Press of Harvard University Press, United States of America.

Observatorio de la accesibilidad y la vida independiente. INICIO. <https://observatoriodelaaccessibilidad.es>

Pérez de Lara, N. (2008). *A propósito de la diversidad: pensar en la propia diferencia y educar en relación*. Cooperación Educativa, 89, p.22-29.

Zúñiga Robles, L. (2019). *Manual de accesibilidad para museos*. Museo de Arte de Lima. Perú. <http://www.iber museos.org/wp-content/uploads/2020/05/2019-zuniga-manual-de-accessibilidad-para-museos-per.pdf>

5 PARCEIROS ASSOCIADOS



Instituições artísticas:



Instituições educativas:



Instituições artísticas:



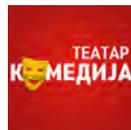
L'AUDITORI

Instituições educativas:





Instituições artísticas:



MUSEUM OF CONTEMPORARY ARTS KOPIJEM U ZEJHACOVRE EMENATAYME THOCTCKOПJE

Instituições educativas:



Instituições artísticas:



Instituições artísticas:



Instituições educativas:



Instituições artísticas:



Instituições educativas:





(...) nós, homens e mulheres, somos o mundo. Saber-se parte do mundo e não em frente ao mundo ajuda-nos a viver nele e a amá-lo, seja quando nos magoa ou quando nos permite disfrutar dele”

(Pérez de Lara, 2008, p. 26)



Imagem 16. Manuel Salado, *Humanos demasiado humanos* (2022).

NOTA FINAL

*Se leu e usou o Guia para a Construção de Espaços Culturais Inclusivos e gostaria de partilhar a sua opinião e/ou fazer uma proposta para a sua melhoria, por favor, **envie-nos um e-mail** para um dos seguintes endereços:*

*Susana Rojas-Pernia (rojass@unican.es)
Josep M^a Sanahuja-Cavaldà (josep.sanahuja@uab.cat)*

Entraremos em contacto consigo!!



INARTdis

PROMOVER A INCLUSÃO
SOCIAL PARA TODOS ATRAVÉS
DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA